

AUTORES & LIVROS

Ano 10 SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A MANHÃ" Vol. VI
1914 publicado semanalmente, sob a direção de Mário Lúcio (Da Academia Brasileira de Letras) N.º 16

NOTÍCIA SOBRE MARTINS JUNIOR

Isidoro Martins Junior nasceu, em 24 de novembro de 1869, e era filho de Luiz Martins e D. Francisca Pires. Os estudos primários o fez, o professor Vicente Martins, os secundários, sobretudo particulares, iniciando-os no colégio do preceptor Lopes de Moraes, e o tempo possuía suas de ação política, e apesar de não fôr dada, juntamente ao colégio Aranha, Leonel, Campelo e Góes, o jornal "O Progresso", durante dois

foi criado na Faculdade de Direito do Recife, e obteve o seu título de bá-

so o período de acadêmico, enunciando-se muito, inclusive de Clóvis Beviláqua, em seu redil, as "Vigilias" (1875), a "Idéia Nova" (ambas de 1871) e o "Cravo" (de 1842).

Na redação, com Facultade, Aranha e P. C. R. F. Faria da Costa.

Recorrendo as boas de bá-

so, cujo grande equilíbrio, iniciando, imitava

o "Jornal da Cidade", é Martins um dos fundadores da "Revista da Norte". Na

de protestar seu jacobinismo, a conservar, para

de báso, para o báso, promovendo em voz alta

as suas palavras: "Nós

polares, obreiros, não

nos preparamos sacrificando-nos, mas

devolvendo um sacrifício à parte, eles que, sendo

mais, passaram pelas

mais festejadas das ruas

da carta de báso, que, como subordina, a de

a Natural. Também abriu

uma sala no Colégio Porto

que, gentilmente, lhe

deu, um curso de Direito

na Faculdade de Direito

finalmente, a Sociedade

Portuguesa, as cadeiras

lusa e francesa. O Con-

de Pinto Junior, que era

diretor da Faculdade, nos

interessou para a

da História, do Curso

que, porém, sonhava era

o professorado efetivo na

Faculdade. Já havia fechado

máni-a e germâni-a da luta Juri-
dica ou do processo? No caso
afirmativo, qual os caracteres
de uma e outra? Foi classificado
em primeiro lugar a Oliveira
Escrivão, seu competidor, em
segundo. A Justiça do Império
se inclinou por Oliveira Escrivão,
sendo Martins preferido no no-
mearia. Ainda em agosto de
1881, abriu-se na Faculdade ter-
ceiro concurso. Martins inscre-
veu-se, produzindo a tese: "O
conceito da equitas foi sempre
o mesmo nos diferentes períodos
da história do Direito Romano?"

A Congregação o classificou
eis unicamente, apontando-o à
nomenclatura. O ministro do Império
mandou que a congregação
competisse a luta, e este o fez,
colocando-o em terceiro lugar
Adelmo de Lima Freire, P. Adelmo
e nomeado. Ficava assim,

mais uma vez evidenciada, de
maneira insufável, o conceito
de justiça dos homens que
dirigiam o Brasil nas vésperas
da proclamação da República.
As três teses de Martins forma-
ram, posteriormente, o volume

"Fragmentos Jurídico-Filosóficos".

Enquanto sofria assim tantas
desgracas, Martins Junior não
descurava da ação pública.

Em 1875, redigiu, com Araré, Or-
linda, Adelmo Filho e Pardal
Malte, a Revista da Norte. No

mesmo ano, com os mesmos
mesmos Malte, redigiu a Es-

SÍNTESE DE MARTINS JUNIOR

GRAÇA ARANHA

... Aquela preocupação científica
ou militar, social ou de vossa pre-
decessor não era um sinal de seu
temperamento de sonhador po-
lítico? A política de Martins Ju-
nior era um entusiasmo poético,
como a sua possa ter em sonho
político... Em ambos os aspectos
ela não se definia precisamente
e o que é singular, as
ideias positivas científicas

ficaram na poesia, as ideias
vagias, abstratas, constituiram

a síntese social. Parecia ha-
ver entre essas compartimen-
tos de um mesmo espírito um
obstáculo invencível insuper-
vel, criando de cada lado um

mundo diferente do outro.

Se Martins Junior tivesse tra-
zido para a política a ciência

da sua poesia, teria compre-
endido de outro modo o proce-
sso da nossa história. O seu deter-
minante talvez explicasse por

uma ideia central cada grupo

de fatos da história política do

Brasil. O primeiro reinado se-
ria a explosão do espírito de

nacionalidade; o segundo reinado

seria o princípio da uni-
dade nacional e o sentimento

da liberdade espiritual; a repu-
blica se definiria como o es-
pírito particularista, provincial

mantido pela organização mili-
tar. O vosso predecessor teria

visto que, exceto no primeiro

reinado, houve nos outros per-
íodos uma transposição de va-
lores extemporâneos, determi-
nando a irrupção de sentimen-
tos de instintos que falsificaram

as ideias. A unidade nacional

foi feita violentamente antes

da completa expansão do es-
pírito provincial; a liberdade em

(Continua na pág. 248)



JÉRÔNIMO RIBEIRO

MARTINS JUNIOR

SUMÁRIO

PÁGINA 245:

— Notícia sobre Martins Junior.
— Síntese de Martins Junior.
de Graça Aranha.

PÁGINA 253:

— Bibliografia de Martins Ju-
nior (Segundo Araré, 1904).

— Cris 7, "Síntese de Martins Ju-
nior" (tradução de Henri

de Lacoste).

PÁGINAS 246 e 247:

— A Filogenia Jurídica e sua
leia, de Martins Junior.
— Um autógrafo de Martins Ju-
nior — Dedicação a Di-

— Jérônimo Ribeiro.
— Jérônimo Ribeiro.
— Jérônimo Ribeiro.

PÁGINA 248:

— A Poesia Cínica — de
Martins Junior e Francisco
Cantídio, de Mário José
de Almeida.
— A Poesia Cínica — (Pá-
gina de rosto do livro desse
título, de Martins Junior).
— Alguns trabalhos de Mart-
ins Junior:
— Síntese
— Uma estrofe
— Durante uma viagem por
mar
— Noites de ausência
— Soneto

— A Poesia Cínica — de
Martins Junior e Francisco
Cantídio, de Mário José
de Almeida.

— Uma dedicatória de Silvio
Ribeiro a José Vitorino
(dedicatória de um rosto).

PÁGINA 257:

— Numa carta a Mário José —
Jérônimo Ribeiro — Carta de An-
tonio Ribeiro Sá a Mário
Leão
— Alguns reflexos de Shakes-
peare.
— Diário de Carlos Leão.

PÁGINA 258:

— Página dos Autores Novos —
X — Maria de Lourdes Pi-
res da Rocha: —
— Maria de Lourdes Pires da
Rocha (nota biográfica, com
retrato de A. Gurgel).
— Bibliografia de Maria de
Lourdes Pires da Rocha.
— I roupa dos Autores.

— Síntese.
— Isolamento
— Revolução
— Confidencial

— O conto
— O conto da Condessa
— Estas.

PÁGINA 259:

— Martins Junior (Discurso
professorado na Gabinete Portu-
guesa de Leitura em 1906) de
Sousa Bandeira.

— Da infância de Cisne (cap-
ítulo de romance).
— Meditando (fac-símile de
autógrafo).

PÁGINA 251:

— Uma estatua, de Celso Vie-
ira
— Um autógrafo de Martins Ju-
nior — Uma quadra no livro
de um amigo.

— Notas sobre Os Mezes, poe-
ma de François Coppée

PÁGINA 252:

— A poesia científica, de Sousa
Bandeira.
— Martins Junior, de Artur A-
zevedo.

— Da infância de Cisne (cap-
ítulo de romance).
— Meditando (fac-símile de
autógrafo).

PÁGINA 260:

— Os Mezes, de François Cop-
pée (tradução de Raimundo
Corrêa e Valentim Maga-
lhaes).

A FILOGENIA JURIDICA

O Direito, como "conjunto das condições existenciais e evolucionais da sociedade, contrariamente asseguradas pelo poder público" ou como "fator dinâmico-social na virtude do qual se realiza o acrônico das vontades produzido a equação dos interesses" (2) e em parte uma relação natural, um todo orgânico determinado por fatalidades bio-sociológicas, e por outro lado, um instituto cultural humano, um aparelho regulador e seletor, de fabricação, político-social, mais ou menos dependente da vontade dos indivíduos ou classes dirigentes.

A semelhança desses recifes de coral em cuja base os polípilos de zoológico agitam-se e produzem, enquanto a indústria lhes aprova e modifica as areias e os rios para servir em suas e quebrar, as necessidades da civilização o Direito apresenta-nos essa dualidade de organismo e mecanismo de natureza e arte, de anatomicismo vivente e cego por um lado e de regra consciente por outro.

Durante muito tempo um ou desses aspectos feriu a retina dos juristas o aspecto artificial, abstrato exterior. A chamada escola dogmática ou filosófica não viu por outro prisma as intuições e instituições jurídicas. Fazendo mais tarde a reunião por meio do historiador de Savigny e seus discípulos. Foi o sinal da renovação das metas e das idéias no departamento do Direito. A escola histórica de fato entreveu e tecelou algumas das idéias que dominam a nova concepção do romano jurídico. Nem foi prematura a obra realizada pelos humanistas tedicos porque já em fins do século XVII Jeremy Bentham apresentava a direção que viriam a tomar os respectivos estudos, ao afirmar que encontraria os seus modelos de método maior nas obras de física de história natural e de medicina do que nos livros de Direito.

Os métodos das ciências positivas vieram realmente e por fim renovar e fecundar as especulações de ordem jurídica. Hoje no infinito posterior desses métodos o Direito está sendo devidamente estudado e compreendido. Sob as lassas tendas da escola naturalista ou positiva abrigam-se os videntes sucessores dos Grotius e Puffendorfio, dos Hugo, Savigny e Puebla. (3)

Orientados os novos juristas uns pelas idéias fundamentais do positivismo francês, outros pelas doutrinas do evolucionismo ariano e pela teoria darwiniana, o Direito deixou de ser para eles alguma coisa de anterior e de superior ao homem, um quer que fosse de inato e de divino, veio tornar-se pura e simplesmente um fato natural um fenômeno humano, obediente às leis gerais que governam o organismo social.

Esta concepção da sociedade-organismo é capital na matéria de que tratamos porque, como diz muito bem um ilustre sociólogo francês "é uma grande ilusão imaginar que se pode ter idéias justas sobre moral e política, a propriedade, o direito ou a justiça sem ter decisão de aprofundar a noção mesma da sociedade". Ora, a decisão é-nos fornecida hoje pelos autores mais competentes, no sentido da comparação entre as equiparações dos organismos naturais com o social.

Os discípulos de Comte, especialmente na ramificação literária, o grande filósofo inglês autor dos *Princípios de sociologia*, os notáveis publicistas alemães Lillienfeld e Schneidler e o russo Novirov, os distintos naturalistas Jöger e A. Espinas, os brilhantes escritores franceses contemporâneos A. Fouillée e Julien Ploger, além de outros sufragam e defendem a existência de uma analogia real entre a sociedade e os seres orgânicos superiores. A idéia, aliás, é antiquíssima, pois essa analogia foi apresentada e proclamada desde Aristóteles e, em época relativamente moderna, por muitos dos grandes filósofos do século XVIII. (4)

E verdade que alguns pensadores modernos, e entre eles Gumpelwicz, o ilustre autor da *Luta das raças*, rebatem-se contra a concepção da sociedade-organismo e reputam "sem consistência e sem seriedade científica" as teorias que levam a essa concepção. A novo ver, porém, Julien Ploger responde plenamente a Gumpelwicz e nos que tanto ele pensam quando diz que a inexistência dos conceitos que se sociedade e organismo tem certos sociólogos e que lhes dificulta a assimilação de uma sociedade com um organismo vivo.

Mas, por isso mesmo, que o positivismo, o evolucionismo e o darwinismo trouxeram para o campo da sociologia a preocupação constante dos fenômenos e leis biológicas, como base necessária e inegável das fenômenos e leis sociais, foram e são ainda agora levados os juristas a vir no Direito um organismo sui generis, um organismo que é estruturado e vivo, nascendo, evoluindo e finindo-se em condições determináveis.

Este modo de encarar a funcionalidade jurídica é, com efeito, hoje corrente. R. von Ihering (5) escreve: "O Direito, segundo a idéia atualmente dominante, é um organismo objetivo da liberdade humana. Não se confundam minhas hoje que o Direito não é, como se julgava anteriormente, uma agregação exterior de disposições arbitrárias, que deve sua origem ao pensamento do legislador atual, como a linguagem de um povo, o produto intimo e regulador da história... O Direito, como criação real, objetiva, tal qual é e se manifesta na forma e no movimento da vida e do comércio exterior, pode ser encarado como um organismo... Ser-vindo-nos dessa imagem nós reconhecemos no Direito todos os atributos de um produto natural: a unidade na multiplicidade, a individualidade, o crescimento, etc. . . Esta comparação, as expre-

ssões orgânicas, crescimento natural, etc., estão hoje muito em moda."

E o eminente professor de Goettingen, o pedagogo Jurista-filósofo que tão corajosamente foi pedir à tecnologia de Darwin o título de uma de suas admiráveis obras, não se limita a enunciar essa opinião: ele a realiza, a põe em prática no correr do seu profundo trabalho, estudando o organismo do direito romano nos seus aspectos anatômico e filológico.

Adotemos o mesmo ponto de vista, que é realmente frívolo e nortear-nos por ele o nosso estudo. Já antes de não o brilhantíssimo espírito, infelizmente hoje extinto, de Tobias Barreto, tomo esse rumo e fiz gallarda e vitoriosamente a viagem da ciência nova.

Assentado que consideremos o Direito um organismo (sem, todavia, esquecer aquela sua dualidade de felicidade que estabelecemos em rompê-las) passemos a aproveitar-nos desde já de um dos muitos subsídios que a tecnologia e o método da ciência biológica seem fornecer aos sociólogos. Assim tendo de ocuparmo-nos da evolução geral do Direito, tomemos a Ernesto Haeckel, o sabio autor da *História da Filosofia Natural*, a expressão com que ele designa a história evolutiva de todos os seres e evoluções nas suas linhas gerais a *Biogenia Jurídica*. Deveremos entender por isto, como se evidencia daí que acaba de dizer, a história evolutiva do Direito, mas do Direito geral, no seu conjunto, na sua interridade na sua desenvolvida e completa através de povos e tempos.

Se tentarmos de analisar neste o âmbito de departamento jurídico, mas em sições das instituições respectivas, faremos então um trabalho de filosofia, porém sem de ontogenia jurídica. Ambas essas expressões são hoje contraditórias se não coerentes entre os nossos modernos professores de Direito, pelo menos entre aquelas que nas faculdades brasileiras frequentam o círculo dos seus discípulos com as verdades fundamentais das novas escolas filosóficas constituidas no terreno do relativo da real.

Mas é evidente que não basta deixar provadas a utilidade e propriedade das expressões ontogenia e filogenia jurídica. Para o fim que temos em vista fuz-se mistério indagar se existe realmente a matéria de uma filogenia jurídica; por outras palavras: se há efectivamente, razão para falar-se em uma história evolutiva do Direito ou em uma evolução geral do Direito.

A quase unanimidade dos juristas e sociólogos natos não põe a mínima dúvida em responder afirmativamente. E a resposta assim concebida decorre sôs da concepção do mundo que presentemente domina todas as teorias e estudos desses pensadores. Tal concepção, com efeito, quer seja dada pelo sistema de Augusto Comte, quer pelas teorias de Herbert Spencer; derive ou do monismo naturalístico de Haeckel ou do realismo científico de Büchner, Moleschott, Langue, Huxley, Leibniz e Leibniz conduz a ver na fenomenalidade universal a idéia e teórica, compreendendo esta os fatos sociais, uma eterna movimentação e desenvolvimento das coisas no espaço e no tempo, um incessante fieri das forças naturais a combinarem-se a transformarem-se, evoluindo da nebulosa para o astro do atomo para a molécula, da céu para o órbito, de homem para a família, da tribo para a sociedade.

Além disto a analogia já indicada entre a vida vertebral animal e a social da razão aquelas pensadoras. Se a sociedade pôde ser encarada com um organismo deve ela estar submetida, pelo menos à lei superior e geral da evolução que foi verificada principalmente nos domínios da biologia. Mas há ainda outras razões em abono da afirmação feita, e estas ocorrem com especialidade aos juristas.

Do conjunto das idéias aventadas e defendidas pela escola histórica, por exemplo, ressalta uma dessas razões.

Aquela escola, de que já tivemos ocasião de falar prima, e à qual o autor da *Cours de Philosophie Positive*, apesar de sua má vontade aos especialistas da jurisprudência, fez honrosa referência por ter ela procurado "ligar em cada época do passado o conjunto da legislação com o estado correspondente da sociedade", não foi só a primeira a positivar os métodos jurídicos; ela soube ter um conteúdo dinâmico de Direito, afirmando, como justamente nota Brugel, que os principípios jurídicos entre todos os povos fazem-se lentamente através da história e que há íntima conexão entre eles e os que regem os outros fatos sociais, como a religião, o costume, etc.

O notável professor italiano que acabamos de citar, ocupando-se do assunto, depois de notar, com grande senso crítico, que o método histórico, restringindo como Hugo ao estudo do direito romano, passou com Savigny a constituir uma doutrina geral do direito privado, e após advertir que o mesmo método com Hildebrand, Roscher e outros repousa a economia política e o direito público, escreve o seguinte: "Assim o direito atípico, o direito miscelâneo, o direito indiano, o direito das raças semi-selvagens foram submetidos pouco a pouco a este segundo modo de investigação (o método histórico). A idéia do Direito (aqui não se pode negar a influência de Hegel) aparece como uma vasta tela da qual cada povo urda uma trama, que o outro continua". (5)

Assim é; mas cumpre, entretanto, observar que só em partes as doutrinas de Hugo e Savigny nos ajudam a formular o conceito da lei a que nos estamos referindo. Parece até que o princípio de nacionalidade — base da escola histórica — opõe-se

a tal conceito porque dá lugar simplesmente a uma história dos direitos e não uma história do Direito.

Neste particular acompanhamos as viés e os dizeres de Ihering quando faz a crítica da doutrina de Savigny e opõe ao de nacionalidade o princípio de universalidade.

Com o grande Jurista que produzira os notáveis institutos *Esprito do Direito Romano*, *A finalidade do Direito* e a *Luta pelo Direito* (6) a "Lei do mundo físico é também a do mundo intelectual"; a vida e o empório da civilização do exterior e da sua apropriação intima; a evolução e assimilação são as duas famílias fundas cuja presença e cujo equilíbrio são as e existência e de vitalidade de todo o organismo. O indivíduo não pode subtrair-se a esse laço condutor a morte lhe é intelectual. Isto é, a vida de um povo se compõe de uma evolução interrumpida de elementos estrangeiros; suas artes, seus costumes, sua civilização, em uma palavra sua individualidade ou sua identidade é como o organismo lhe é intelectual, é o produto de inumeráveis influências pelo mundo exterior ou de empório lhe é este. A língua, os costumes, a religião, as artes, a indústria, a ciência, tudo evolui e comunica e de modo interativo. E recte se subtraem a vida lhe geral da evolução.

Trajamos pelo caminho certo que o Direito evolui com o crescimento social e o modo que ele subverte a marcha geral da evolução, movendo-se na terra e se expande através de todos os países, surgindo de plena, primária, em culturas para especializar-se nas relações e na cultura e nos costumes.

Muito recentemente um espírito de filosofia (G. Tardé, *Les Transformações do Brasil*) se lança contra a idéia de uma evolução social — é exata. Mais não se parece que a verdade tenha sido de molde a desvirtuar as idéias adversas. Outros combatentes saíram-lhe ao encontro e rebatiram-lhe os golpes.

Convém agora endapar e determinar quais as leis que dominam a filogenia do Direito.

O assunto já foi explorado com talento e proficiência por D'Agnano, que achou, para resumir a vida Jurídica — a tradição, a herança e a lei.

O civilista italiano subordinou-se muito ao ponto de vista biológico. A preocupação de sua propriedade não lhe deu lugar a ascender a régios domínios, de onde se descontaminou todo o nobre vel panorama da devolução do Direito.

Nos temos obrigações, porém de efectuar a visão integral de subir até os *tempis serios* e a evolução jurídica para dali dominar o conjunto das potestes respectivos e expandi-lhes a direção, sempre.

As leis indicadas por Giuseppe D'Agnano só sem dúvida alguma, verdaçaria; mas devem ser consideradas secundárias simplesmente substitutas, quando se estude não este ou aquele determinado fenômeno do Direito, mas o conjunto da filogenia jurídica. Estudando a família, a propriedade, etc., o citado jurista não viu mais do que individualidade moral e evolução das mesmas condições de evolução os indivíduos físicos. Faizem-lhe a título de espécie que também fôlha a G. Tardé que o nome da lei da iniciação condonou a evolução geral do Direito.

Tai não aconteceu a um outro destinto autor filósofo, professor em Modena, Pietro Caprioli, que também se ocupou desta matéria. (7) Este professor, ao de estabelecer as leis mais gerais da evolução jurídica, pairou numa região mais elevada que aquela em que se quedou o seu compatriota citado e deixando irresolvel por enquanto a questão de saber "se nem das leis leceras e específicas da evolução do Direito, podem ser aplicadas a estes alemães leis universais que regem o mundo" descreveu as seguintes dentre as principais:

— Os códigos de um povo surgiem naquele período em que os costumes e as regras são inúmeras e estão a corromper-se; o Direito é primariamente formado na gens e na família e passa a pleno e transferido ao Estado; a exceção das sementes é primeiro pessoal e depois real, as relações jurídicas antigas se encerram nas formas processuais e as novas se modificam, simplificam e perfeitas no estudo do "similata pro veri".

Há aqui um subdido importâncio para a nossa questão; mas como segundo o próprio autor aludido, muito é ancora da farsi in questa via e como a maior parte das indúndias legis se referem a fenômenos que há muito deixaram de produzir-se na vida Jurídica, vejamos nos se é possível formular com certa precisão as principais leis superiores da questionada evolução, adotando um ponto de vista novo.

Todo organismo natural pode ser estudo em examinado sob qualquer destes aspectos ou sua teoria é a um tempo: anatomico ou estrutural, funcional ou fisiológico, morfológico ou plástico.

Uma vez que consideramos o Direito um organismo social sui generis, procuremos explicitar a marcha evolutiva, encarando-o numa ou muitas dessas modalidades de sua existência. E para a questão vertente reduzmos essas modalidades a duas: anatomico-fisiológica ou estrutural e orgânica e morfológica ou plástica.

Visto no primeiro desses aspectos como ter evoluído o Direito?

Isto equivale a perguntar: qual o modo de

Izidoro MARTINS JUNIOR

A Poesia Scientifica

(Escoço de um livro futuro)

2.ª Edição destinada a auxiliar a constituição
do monumento do autor.

Imprensa Industrial

10 e 51 — Rua Visconde de Itapatinga — 49 e 51
Recife — 1914

Página de rosto de "A Poesia Scientifica", de Martins Junior

A POESIA CIENTIFICA - De Martins Junior a Francisco Cantarino

O famoso intelectuoso pernambucano José Izidoro Martins Junior foi, a alguns aspectos, o renovador da poesia no Brasil. É de seu autor um manifesto intitulado "A Poesia científica" em que, seguindo a sua expressão, é dada "um golpe de vassoura" na vinharia que era a poesia do seu tempo. Botic e Guimaraes. Passou quase não tocaram o assunto, dessa reação e curvaram contra porque apareceram em livro dedicado o nome de pequeno e forte livro um grande tribuno pernambucano. Entretanto Izi e meus Botic e Guimaraes o sentiu. "Tempo e Espaço" do seu coluna na Faculdade de Medicina, Francisco Antonio Cantarino era o criador, professor de Silva Jardim, pediu que o mesmo o ressuscitasse, afirmando e maior de "Uma Vida" que raramente se fazia tal solicitação.

O futuro deputado fluminense e anarquista batalhão que é o autor desse soneto, conhecia profundamente lírica e química e, certa vez em Belo Horizonte, despejou os louvores de Pandia Calogero, Costa Senna e Augusto de Lima, revelando os seus conhecimentos em ciências naturais. Político, Francisco Cantarino foi modelo de

urbanidade digna a todos os pontos de vista. Militou ao tempo de Souza Mota, Alberio Torres, A. Alves Teixeira de Souza, Belisário Augusto e outros que honraram a história da gloriosa pátria. Iluminou, para usar a classificação de um historiador dos mais ilustres,

Teve, na atuação política, discípulos e comparsas de lutas que mereceram referência: Antônio Henrique Cardoso Mota, Herculano Mota, nomes que a modestia não impediu que sejam citados pelos que um dia estudaram a fase mais intensa da política do Estado do Rio na primeira década da República de 39. Assim, nessa breve noite em que nos referimos ao valor de Martins Junior, como iniciador da poesia científica entre nós, cabe o bem apresentado soneto do anônimo cultor de arte e pensamento que foi Francisco Cantarino.

E' de notar, entretanto, que há um nome indelével na arte do verso que da plenitude raro a Martins Junior, — e Augusto dos Anjos que, segundo José Wandirley, o vitorioso escritor teatral, assinaria este soneto, não para recomendá-lo para honrar-se com ele, se pudesse ser uma das páginas do EU.

TEMPO E ESPAÇO
A Alberto de Oliveira

Pergunto às horas, que se vê
o que é o tempo que junta es-
pera, —
se é o que mede a posição da es-
terna, —
surgida em giro não se sabe
quando

Limita o espaço o corpo, o tem-
po a era, —
e ponto tal ao ponto se jan-
tando, —
como os momentos vão-se
acumulando
em puras relações, que a mente
ligeira.

O pensamento que o instinto
sem conseguir parar na incen-
sidade, —
um mundo deixa; — em outro
mundo vaga.

E de uma é outra ida vai, e
le quando há de
o tempo achar, da mente a luc-
linda opaga
no CAOS do espaço, — a luc
(da eternidade,

E' um soneto científico den-
tro de moldes universais.

Francisco Antonio Cantarino cultivo a música e a pintura, sendo notável aluno de desen-

Poesias de Martins Junior

SONETO

MORREU CONTIGO TUDO, TUDO QUANTO
ME AVIGORAVA E ME FLORIA A VIDA
DE TANTO NOSSO ESTIMULO, QUERIDA,
SE ME FICOU O ESTÍMULO DO PRANTO.

AMOR DE ESTUDO, ENTUSIASMO SANTO
PELO LABOR, FELA FEVERDA LIDA,
GLÓRIA, ENERGIA, SONHOS, A ATRÉVIDA
MARIA AO PIRAR QUE ENCONTRAVA TANTO

NADA SOTERRAVA A TUA Morte,
E AGORA ESTA MEU CORAÇÃO TAU FRIO
TAO ESTERIL, MUITO CRIPÓDIO E SEM NORTA,

QUE NEM POSSO DIZER-TE NUM SONGEIRO
VERSO ARQUEANTE, DOLOROSO E FORTA,

COMO DEIXASTE ESSE MEU NUN VASO!

MARTINS JUNIOR

UMA ESTROFE

MEMORIAS DE MEU ALMA
VAMOS VOLVER

TOBIAS RIBEIRO

PINTAM O AMOR ALADO E EU NAO LHE VENO AS AGAS
FENDO AMOR MUITO AGOR
SE ELE AS TIVESSE... ENTÃO TRIBAMOS VENDO
DA MUDIC MINHA FLOR.

(Cultura Acadêmica — 1940)

A BORDO...

DURANTE UMA VIAGEM POR MAR

ESCARNECEREM DE MIM O MAR E A NOITE
LHE DE ALHO DA LUZ PROFUNDO E A LUZ
ZOMBA O VENTO DE MINHO SEU ACOPTE
E GARGALHA MEU FALCE A VAGA NTA

VLEMI QUE EU FIZEIRO AS VAGAS DA TUA FEIO,
DO TEU CANELO, DA LUZ LUMINOSA,
DO TEU OLHAR A LUZ MISTERIOSA,
E O TEU NACITO EGOS, DA AGORA COTIO

E VINGAM-SE CRUZIS, QUERIA EU TELEZ
AGORA JUNTO AO PELLO QUE ME ESTIA,
E COMBRA TANCAIS, SO POR QUERERTE
DO MAR DO CUEI DO VENTO CRO DA LUZ

(Cultura Acadêmica — 1940)

NOITES DE AUSÊNCIA

1ª NOITE

TUDO NEGRO NA TERRA E NA MINHA ALMA, — DESCO
SOMBRA MINHA LUZ DE UMA SAUDADE FUMA
QUE ATINGE AO DESPIRTO E ME DESPIRA QUE ESSA
QUE AGUADO E QUE DUE QUE TORTURA E SAO DAS

2ª NOITE

CAE A CHUVA DA FORA E ESTENDE-SE A NEBLINA
PELOS MONTES DE ALIM, PELAS DISTRIAS LIGAS,
EM MAREALDA TAMBEM, COMO CHUVA, LIGAS
CLOVEM TRISTEZAS MIL E A SAUDADE FUMA

3ª NOITE

EIA ESCREVEME... ENFIM A LUZ FUMA EM MEU PEL
E PARCE QUE O CÉU DESMOU DE SER ESCUJO
JA NAO SINTO QUE CAVO TEMPORAL DESPIRTO
DOIS MENOS MENSA DOR E TUDO E BRANCO E FUMO

4ª NOITE

COMO ME BATE ALGEME O CORACAO DA FORA
PODE TUDO MORTO NA SOMBRA E NA LUZ
ELA DOR ESTA VIZ TEU SACARDOIS E CHORA
COMO A NOITE ESTA CLARA E CHEIA DE DELEZAI

(Cultura Acadêmica — 1940)

SONETO

DE ASAS INDIA POSSUEIS ALMA PODER ABELAS
PODE AZELAS AMILHA DOS SONHOS ENCANTADOS
PODE SERVIR A LUZ QUE REVERDECE OS TRADAS,
PODES MIRAR OS CÉUS A RUTAS PUPILAS!

PODES LIVRAR, EXUL PODER CANTAR GLORIOSA,
PODES TIR FOGA E PEL PODER ILUMINARTE
PODES O SERENO CLAUDIO DA NOITE LA D'ANGE
E PAIRAR, E VIVER NA ESPERA RADICIA

DA CIADRA ILUSAO TU RESURGASTE O ALMA
TU SAÍSTE DO PÓ, DA MODORIA, DA MORTE,
E VIERAS DENTRO EM MIM COMO AO LUTAO A PAUAS

JA ME SENTO VIVER DE NOVO COMO IM PERT

JA NAO ATUNDE MAIS EM SONOLINTA ALMA

TENHO AMIZO Z AMOR TENDO IDEAL E MORTE

(Cultura Acadêmica — 1940)

NUM CARTÃO POSTAL

(A FOGO DE LIGA)

COMO EM CIRCO ROMANO O ATLETA SILENCIOSA
EM CONTORNO DE MUSCULO AS FERAS DA HUMA
NA IDEAL ARENA D'ARTE HOU DE EU ENFER ENGRAVA

PRENSA AO NERVO DO VERSO, A IMPLENCAVIL HOGU

(Cultura Acadêmica — 1940)



nho do tradicional Instituto
Pires, fundado em Nova Friburgo pelo criador João H. Pires e o professor de Ciências
Antônio de Abreu, conterrâneo e amigo de Francisco Cantarino.
Escrivendo para o teatro, Francisco Cantarino produziu dramas
cinematográficos, dizer que a
comédias levados a cena com
gira ou que a trama não tem
exito seguro em anfiteatro teatro
que existiu no Município de São Paulo...
Pedro D'Alváa, sua terra natal.

Tinha a palavra a sua
Cataluha da Paixão Carense, competente. Aqui fico
Paul Pedernales e o professor menle um ligeiro, inócuo
de matemática, física e química
Dr. Miguel A. Teixeira D'Alváa
Cataluha da Paixão Carense.

Mário José de Oliveira
(O São Gonçalo — 20-12-1940)

A ARTE FRAGMENTO - MARTINS JUNIOR

Arte! Mulher linda, criatura encantada, batizada do sol, linda de uma alvorada. Com alguns amores da vida Grécia heróica, — tu sucede-te! Tu, que horradamente estóico Tev sabido guardar na epiderme de opala A lareira da flor que um lago manso embala. Tu riges cruel de uma feminina asciú; Tu que eu comparei a uma elética Amazônia, cheia de força aresce e de beleza muda. A beijar, em coroel fanático, esta zona é de vegetação das ideias robusta. Ascendente, em luz gloriosa, trebenta; Tu que é a pod rosa e a plástica expressão da vida interior que vive o coração humano, e que é tópico em nossa inteligência. Como nascem no mar ou um bim na consciência; Tu que tens por tarefa interpretar o mundo. Cerrando do azul, com o luto do profundo Deus das Ilusões e da Utopia loura; Tu has de, para mim, ser sempre imordadora. Estante desta aloría e bravura serena. O dia dormiu no seu seio e levantou-me da pena. Tu foste lavrado, em cuja folha canha A escula de uma harpa heróicamente sanga!

Como tu nás jardas, estranha criatura! E tu nos tens guiado! Esta pupila escuta. De certo via morrer Chatterton, Malafaire. — Almas presas a dor, corpos presos ao culto. Vou ir à galinhola o poeta do *Hermés*. Vou a prisão de Tasso, o exílio de Camões. Vou a Catedral de Notre Dame buscando os soldados que de Paris para enfrentar-te, viu Os martírios de Hugo!... E que pranto entu- li! Tu radioso olhar amplo amoroso e quente Engrava que é a encantada fúria malha em frante!

Arte! o tuo valor não se verga Jamais!

Chega um remo que cinde uma onda, tu vais Para terra, iliz, correndo o globo inteiro. Pousando aqui, voltando aliás, sorvendo o cheiro Ensinado e matinal dos jardins enladrados; Vizinhando não só as almas é como os prados; Soltando ao mesmo tempo as palavras explosivas Os vícios bestiais cunicamente abrem. As cordas crucis nos caulis afiados. Tu verges trágicas, os pomares azuisos, Pousas na luz do sol verdes como abante!

Neste momento eu vejo um diabulário e elata De estâncias, a pur no seu busto sagrado. Uma nuvem de incenso obscuro e nevado. Sos de um lado os vultos e hóstis portadores Das fecundas Fétes, das sonhas e labores. De Balzeo, o escultor deste marmor — *Grafito*, E do outro lado só os erâblos em que andou A lira de Lucifer inspirando a valente. Tu vejo sumir da Poesia que sente. O luto da Cidade entorpece-o pelo.

Entra, no orçor do relvado preto; Pôs-te, Zélio, Daud e os Gomedos, — a pujante Pura fraterna, anistia e ir-vante! Tu modernos, dos bons espíritos geniais. Que já não vão correndo errados, atraídos De sermão fatal dita Imaginando. Os Fantomas, e têm na sensório a visão Nôzida do Real e da Verdade! Alem. Vou Coppée, Lévière, Stupin, Bartrina, Bremesens, Sully. E em mil de vizi-vem Das novas ofes vejo o busto da heróica Agarum, redorando o *Prometeo*!...

O Arte! Vêmos! E despregar as asas do estandarte E seguir! Devi ser em tua enorme faixa Como vela de nata que, enquanto não amanha O vento, arqueia o bojo e desafia a vaga. Não importa sentir a maldição e a praga Da Retina bêga, que ás tuas plantas ladre!

Tens muito que explorar. Tudo quanto se enquadre Na larga psique da Humanidade, — deve Ser pra ti um farol radiante que te leve Ao país do Ideal!

Desde a pérola — pranto. Até o riso — flôr, até o perfume e o canário. Desde o infantil gracil até o herói ferido; Desde um eterno amor até o amor vendido; Desde a marcha dos sóis até a das idades; Desde o progresso humano até as claridades Nervosas do luar; desde as paixões serenas Até o Odís e a Dôr — negras como gêchenas; Desde um seio de amante e um regaço de espôsa. Até o vegetal que junto de uma lousa. Cresce, na seiva má do barro fúnerario; Desde um rio de azul, e desde um nectarie. Até a casta luz do astro da Verdade; Desde a Glória imortal, a Bravura e a Bondade Até a planetária irradiação da Ciência... Tudo deve atrair a doce transparência. Tu filhido olhar meditabundo e puro! Arte! Em teu ventre cresce este feto — O futuro!

Houve dois momentos, um na história do globo, outro na história da humanidade, em que das fantásticas regiões do norte da Europa, desencadearam-se tempestades indescriptíveis, formou os leitos dos rios e opulentou-lhes as nascentes a revolução humana lançou as bases de um outro estado de coisas, fundou nacionalidades novas, alargou o círculo da história e a esfera da atividade social.

da um desses grupos da família indio-europeia, tendo-se modificado progressivamente a monosíntaxe, de cada um sob a pressão do condicionalismo inesgotável, veio o carácter dinâmico a separar-se profundamente do dos outros povos irônicos, e especialmente do dos helênicos e latinos. Ao passo que estes, saídos muito cedo da primitiva tenda ancestral, e logo estabelecidos sob mais doce clima e sob céu mais puro, preparavam a armada que ia servir à construção do surpreendente edifício grego-romano; aqueles — os germanos — tornavam-se independentes e errantes pelas terras do norte, acampando, quase na margem dos rios, escavando e combatendo sob a folhagem espessa e rumorosa dos bosques hirsítios ou nas claras e pavornas da Floresta Negra.

O povo que provocou estes últimos acontecimentos é que concorreu de modo direto para que eles se realizassem deve ser encarado com simpatia e estudo com interesse.

Ora, este povo foi o germano. Faziamos, portanto, rapidamente, sua psicologia.

Nome desse grande Arvore ariana cuja fertilizante sombra projetou-se primeiramente nas vizinhanças do Himalaia e em seguida estendeu-se na direção de oeste, como que acompanhando a marcha aparente e diurna do Sol; os germanos, como os celtas, os helênicos os itálicos e os lituano-eslavos, trouxeram para a Europa as tendências pagânicas da raça mãe e mesmo algumas resquícios das primitivas instituições religiosas e sociais do trono comum.

Mas tendo-se diferenciado e especializada as aptidões de ca-

"Páginas Escolhidas", 2º tomo, por João Ribeiro.

J. IZIDORO MARTINS JUNIOR

FRAGMENTOS

JURIDICO-PHILOSOPHICOS

*"Ego tamen tam ex dictis omnium
quam etiam ex mei intellectus modice,
tate talem traditam doctrinam."*

RECIFE
TYPOGRAPHIA APOLLO

* Praça da Concordia, 5

1891

PÁGINA DOS AUTORES

MARIA DE LOURDES PIRES DA ROCHA



Maria de Lourdes Pires da Rocha, em um retrato a óleo de A. Guignard

A RONDA DOS ASTROS - Maria de Lourdes Pires da Rocha

Maria de Lourdes Pires da Rocha, que também se chama Maria de Lourdes Leão, é natural de Porto Alegre, Estado do Rio Grande do Sul. Filha de João Vilalba da Rocha Pinto e de d. Abriulina Bueno Pires da Rocha Pinto, é casada com Mário Leão e exerce o cargo de Inspetora Federal do Ensino Secundário.

Os seus estudos como aluna livre na Escola Nacional de Belas Artes e posteriormente no Instituto de Belas Artes de Porto Alegre, tendo sido aluna de Modesto Brocos, Pelichek, Lúcio Ferreira e Carlos Chamberlain. Usa o pseudônimo de "Raul de São Vitor" e "Enda", nas páginas de "Autores e Livros".

Entreou no Salão de Belas Artes de 1943, na seção dos Modernos, obtendo menção honrosa. Em outubro deste ano fará uma exposição dos seus trabalhos, no Instituto dos Arquitetos do Brasil.

BIBLIOGRAFIA DE MARIA DE LOURDES PIRES DA ROCHA

Elisa, "ballet" em 4 quadros, com orquestração de Eliezer de Carvalho e coreografia de Vaslav Nijinski. In Autores e Livros, vol. V, pag. 141. (Assinada Maria de Lourdes Leão).

— Vários artigos sobre assuntos de arte, publicados em Autores e Livros (vols. V e VI) com o pseudônimo de Raul de São Vitor.

— Tem a publicar um livro de poemas — Murmurios; um romance — Circe; e um diário — A Ronda dos Astros.

A "Ronda dos astros" será o prelúdio do livro que ora inicia.

Parce-me que ela dá forma a esta ideia engracada que brinca no fundo do meu pensamento... todos nós, somos outros tantos astros presos a outros sistemas planetários que, por sua vez, estão suspeitos a planetas maiores que os atiram e subjugam, obedecendo às mesmas leis da força e do poder"... M... é o sol da minha vida, e, em torno dele, pobre astro de pequena grandeza que sou, em constante rotação, descrevo o meu movimento de translação, atraída pelo calor e pelo brilho que dele provém. Ora iluminada pela luz do seu amor, ora banhada na constelada penumbra dos seus momentos de inspiração, ou sofrendo as alterações do seu estado de espírito e as influências que sobreigo são exercidas pelas diferentes forças que regem o "cosmos" onde se debate a nossa pobre vida.

No meu movimento de rotação sinto-me acompanhada constantemente pelas minhas três luas, ou meus três satélites; a "pintura", a "música" e a "poesia". Imagino-as coloridas... azul, dourado e roxo são as suas cores. De diferentes tons, subis e distâncias, é a luz com que me envolvem. A pintura, vejo-a com a cor que predominava nos meus quadros, onde o mar, o céu e a atmosfera é sempre azul. A música é cor de ouro, Tchaikovsky, a 5.ª Sinfonia... Uma apoteose de luz dobrada e quente! Quando por via hanhada sou profundamente feliz e intensamente alegre.

(Continua na pág. seguinte)

SUPLICA

Apagou-se a luz da minha alma
mas eu existo nas trevas...

Extinguiu-se a chama que a aquecia
mas envolve-me ainda a seu calor...

Minha alma tornou-se num deserto imenso,
e a tua sombra que conserva a vida latente.

No deserto da minha solidão
procuro-te e te encontro ainda!

Não te apresses, não te extinguas,
não te desapareças na aniquilação geral!

(Murmúrios)

ISOLAMENTO

O mundo está vazio!

Avançava ruas infinitáveis.
Percorri edifícios gigantescos
e parques deslumbrantes, ninguém

Busco outras cidades...
A mesma solidão!

O mundo está vazio...

(Murmúrios)

REVELAÇÃO

O Deus está contigo...
O Deus de quatro faces...

Aquele que tudo vê, tudo ouve, tudo sente
e o que cala
está contigo!

Um dia Ele dirá a palavra única
que contém a vida e que contém a morte,
um dia Ele a profetará!

Terei então a compreensão suprema.
Como Ele ouvirá, verá e sentirá
o horror de todas as iniquidades cometidas

em todos os mundos!
E, muda de espanta,
me abraçarei na confusão do caos.

Está contigo o Deus de quatro faces!

(Murmúrios)

Encontrarei no meu caminho
monstrosos e estremecidos seres,
perseguiam por ti, não me responderam

E eu segui sempre...

Encontrarei, afinal, sorridente e lo,
Ignorava a desolação em torno.

Nada te couldia minha angústia
e permanecemos como desconhecidos...

(Murmúrios)

CONFIDENCIA

Mar, eu não te amo!
Eu violento,
é trágico e inconstante
é traidor e infiel!

Mar, não posso fugir-te!
Eu envolvente e acariciador,
posses todos os encantamentos
artistas e absorves...

Emelhante ao mar
assim és tu, Amor!

(Murmúrios)

O CANTO DA CONDENADA

Quanto ouro,
quanto luxo,
quanta alegria!

Aproximo-me.

O ouro se desfaz
a luxo se extingue
e escute soluços na treva.

(Murmúrios)

INCOMPREENSAO

Corri sobre o gelo, atras de ti.
O frio tornava hirto o meu corpo.
Montanhas de neve desabavam
e eu prosseguia, chamando-te.

Súbito senti a sua presença
e o meu espírito encobriu-se em adoração...
"Amado meu, perdona!
Há muito que chegaeste, eu tei
Perdoa..."

Lutas tanto por mim e eu,
luta e é inenarrável,
brevemente te embora,
não te vejo e fui-te
e procure aumentar as barreiras
que me apartam de ti.

É infinito no teu amor, parem.
E quando me vés perdida e alucinada
tomas-me ao colo e cantas,
e me adormeces,
como se eu fôrta uma criancinha
E livre, então,
repouso todo em ti...

Ele uniu a sua face à minha,
envolveu-me no seu manto
e projetou-se comigo
no infinito...

Conheci, então, o extase
da suprema felicidade
que nenhuma palavra pode descrever...

OS MESES — (F. Coppée)

I Janeiro

Avento, penso, amado,
— O céu é um lar bonito,
Por sob a porta fui adá
Gente a falarão maravilhado —
Que tipo o outono piedoso,
Os bosques, povo exil,
Por um dia tormentoso,
Viram bodes ao Sul?

Que dias mais nevados
Portam tanto vigor,
E noite os céus estardos
Só que a noite é nevado...

E, nubos, urânia, tristados,
Desfazem-se nas soladas?
Que pessoas amados unidos
A que das suas canções?

Em solos de outos peregrinos
Tremula fôto de melancolia
Poisas, noites! Empoleiram
Seus caiques tristavam!

Falou que um lar suave,
Dá alegria de alegria em flor...
Mas outras serio as aves,
E olhava seu amado...
Valentim Magalhães

(A Comédia, de 14-5-1881)

II Fevereiro

Ali disse, colorem os céus
Tudo é lindo, alegria,
Só o mês é um prodigo-liso,
Misterioso, o passarinho...

Que vilizete, as queridas
A que o carimbo perigo,
As aves caroçadas
E o alegre e aente abrigo.

E a primavera, medrassas,
Pois que é dia de noite,
Certo dia, os cantos,
Alegria é o alegre futuro.

Que dia os ventos praguejam
E os solos tremem sem fôro,
Que a terra murmurasse
E os céus cantasse de amores.

Aí, ali disse, meu amado,
Ali disse, que é tristeza,
Ela é a linda, linda fôra,
Como o sol nasceu.

Que dia é aquela noite, ralando
As aves, das áuras,
E o mês de fevereiro em bande
Canta, a impudica, sonora.

Valentim Magalhães
Raymundo Corrêa

(A Comédia, de 18-4-1881)

III Março

As aves, cruel amado,
Zumbem em voar-se vez,
A primavera, mais sustante
As flores, alegreza;

Vem em de março os granizos
O sol que trazem depôs...
E gera os artigos, os sorrisos
Dai fôro, de novo, os doce.

Amado, ali é a bela,
Achará, da curva a fôr,
Tal, nessa linda vermelha,
Os rios que fôro de rir.

As alegres das mentes carinhos
Vilvrem os olhos alegres,
E a fôr, os passarinhos
Batem as asas na luz.

Valentim Magalhães
Raymundo Corrêa

(A Comédia, de 1-5-1881)

IV Abril

Se quem não ama, não sente
Da primavera a emocio,
Assistindo indiferente
Das aves a emigração;

E vendo a banda fôlho,
Que no céu da lade avança,
Não vê nela o mensageiro
Da mais ligeira esperança.

Assim, muitas dias corriam;
Desfazem-nas a regressar,
E as fôrmas as vêem
Na primavera a chorar.

Mas desde que a minha vida
Teu domínio foi sentido,
De abril aos beijos quenda,
Abandonei-me sorrindo.

Desque ao teu altar, estreita,
Todo o meu ser florveu
Ea vez, espero à janira
O' peregrina da estrada.

Povos de novo a face
Do azul, fulguroso e calma...
Se o meu destino vossaí,
Se eu a vida tivesse n'alma!

Valentim Magalhães
Raymundo Corrêa

(A Comédia, de 1-5-1881)

V Maio

Há um mês festeja embora;
E em outro de ti distante,
Embalde vêeja atra
O luar fresco e odorante.

A sôr, fui no claro brilho
Desse céu, que me exaspera,
Pois aumenta o horror do exilio
O esplendor da primavera.

Contra os vidros transparentes
Da alcova de onde não saio,
Bateu os assas tremente,
Ouço os insetos de maio.

Do sol no cielo belo
Certo o lobo, desrostoso,
E só, do luar deseja
O unido ruivo cheiroso.

Pois, em meio às suas dores,
Do luar, minúscula, em ansa,
Vê teus olhos — nas flores,
Teu lindo — na fragrância.

Raymundo Corrêa

(A Comédia, de 9-5-1881)

VI Junho

do curso leigro e breve
Desta vida, o passarinho
E a memória sempre o instante teve
De liberdade e seu ninho.

Um pouco de argila ou palha
Disponem e fazem o teto,
Que, humilde e quente agasalha
Seu trole e seu alegro.

Por um luto feminino
Tremula, suspira, machinha
No amor, amadizar-se no luto
Do ventura, lento, calma,

De fabricar, jubilo,
Meu ninho fio e desejo,
Mas um tufão impetuoso
Varrou-me o tenue bosquejo.

Sobre meu triste caminho
Meus sonhos vêm tombados
Cromo os ovos que de um ninho
Crem por terra quebrados.

Valentim Magalhães
Raymundo Corrêa

(A Comédia, de 16-5-1881)

VII Julho

Pulse o sol, fumega o céu,
Medeia a coloria no trigo,
Ela o solço — brando inimigo —
Dentro a milha alegria.

Comer inerte a natureza
Na impiedoso Thermidor,
Mas se activa o meu coração
Na amizade e na tristeza.

Coração — ante morrer,
Ja que não podes, no menos,
Visitar os teus vêneiros,
Nem teus sonhos risquer.

Pormoso dia insolente!
Crescão, estoura enlame!
E que eu inundado, assim,
No teu sanguine rubro e quente,

Como o apóstolo na Cruz,
Em turva blasfêmia exalte,
Lance, as mãos cheias, meu sangue
As ironias da luz?

Valentim Magalhães
Raymundo Corrêa

(A Comédia, de 11-5-1881)

VIII Agosto

Do tanque um ângulo ensombra
As ramaras víosas,
E as gramíneas caprichosas
Florindo, as pedras alfombram.

Ao arder do meio-dia,
Vou as aves espantar,
Que, num dia do dia alegria,
Vão trazer as penas banhar.

Salitam vidas, brillantes,
Como fagulhas de brasas,
E o vôo erguendo, das asas
Lançam petróis, diamantes.

Em quiescência abatida,
Dessas aves o viver...
Que vêem subem na vida
Cantar, amar e morrer!

Valentim Magalhães

(A Comédia, de 14-5-1881)

IX Setembro

Cinco meses passou do meu amor distante;
Sendo a m'or coração e acho-o sempre com vida.

Na moçidade, em maio, eu, no vermelho frescor,
Muito sofrê pensando em seus amores.

Foram, em Junho, o prado as rosas perfumando,
E eu em seu respirar muito sofrê pensando.

Quando as noites em julho eram lagos de luz,
Muito sofrê pensando em seus olhos azuis.

Poi-se agosto; e setembro na pomares lotreja
Bem que o meu coração calmo e tranquilo seja.

Sua lembrança tem sempre o mesmo poder
Basta os olhos fechar para a tornar a ver.

Valentim Magalhães
Raymundo Corrêa

(A Comédia, de 17-5-1881)

X Outubro

Antes que o frio fôle as águas; antes
Que o azul cubras as novas hibernas;
Ouve as últimas aves suspirantes;
Ve o florir das últimas rosas.

Por um momento ainda ouviro lindo
Todas as rosas com seu brilho inunda,
A romaria do Outono, as folhas de outo
Tão amar o de beleza moribunda.

Então que uma tristeza fria e austera
Tão dura quanto tempo — o outono
E apesar dela, o coração, espuma
E o sol o curso à rapida escuria.

Conspõi o seu castelo degradado,
Elonga o horizonte, que nos pôe as pernas
E o sol verter com o ruido pompeia
Folhas caindo, expectante morta.

Valentim Magalhães
Raymundo Corrêa

(A Comédia, de 18-5-1881)

XI Novembro

Vejo, prego do inverno, em minha câmara,
Para terras distantes,
Pois os céus de novembro fren os passaros,
— Os novos emigrantes.

Vão, das árvores cortando as grossas bâncas
Vão... novas aves aviam,
Bô de ruelas rotas a pluríssima unida
Outro sol, outra lida.

Sou como a cordilheira fria e trêmula,
Sou um clima pluvioso,
E um sol apressa ruidoso alegre-me
— Sou oute amar.

Pior que as aves, sei no calvo vîtima
De noite dura penar,
Pois não ter no horizonte como os passaros
De voltar... de voltar...

Valentim Magalhães
Raymundo Corrêa

(A Comédia, de 19-5-1881)

XII Dezembro

Desembro entre gelos fundos —
Pis o mochil que saudade!
Que fundo sentir que infâda
Tristeza seu solo invade??

Não querias reter o escuro
Curso veloz dessas dias;
Quanto serio, no futuro,
De dor! quanto de alegria!

Deixa que escoem-se os anos!
Num belo — que desengano!
Que espinhos num só flor!

Morre-se embora, querida;
Que vale a morte, se a vida
Se a vida não tem valor??

Raymundo Corrêa

(A Comédia, de 20-5-1881)